



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietário, director e editor
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Pierre Aubry. — A musica na educação. — Notas vagas. — Concertos.
— Noticiario. — Necrologia

Pierre Aubry

Ha poucos mezes que morreu este notavel escriptor e paleographo musical e a nossa revista, no empenho de outros assumptos que julgou de maior interesse, apenas lhe concedeu umas tres ou quatro linhas de fugitiva necrologia. Reparemos a injustiça, consagrando hoje esta primeira pagina ao distincto homem de letras, que, na sua especialidade, foi uma das melhores glorias da França musical contemporanea.

Nasceu Pierre Aubry em Paris, a 14 de fevereiro de 1874. Ainda muito novo, perdeu a poucos dias de distancia o pae e a mãe, vendo pesar repentinamente sobre si proprio todas as responsabilidades da vida.

Os seus estudos, terminados brilhantemente no «Collège Stanislas», guiavam-o naturalmente para as letras. Algumas poesias, que publicou em 1892, já annunciavam um pronunciado gosto pelas artes. Essa união fecunda d'um temperamento estudioso á preocupação das fórmas perfectas decidiram da carreira do

joven bacharel, cuja formatura data de 1894.

Dois annos depois, publicava Pierre Aubry o seu primeiro trabalho de paleographia musical, *Recueil des chants heroïques de l'ancienne France* e pela mesma occasião defendia uma brilhante these sobre a *Philologia musical dos Trovadores*.

Em 1898-9 professa no Instituto Catholico de Paris um curso de musicologia medieval. Aprende tambem por essa época a lingua armenia e emprehen- de em 1901 uma missão official de estudos musicaes no Turkestan.

Difficil seria dividir em periodos uma vida tão curta, e ao mesmo tempo tão productiva, como foi a de Pierre Aubry. Bastará dizer-se que em uma lista bibliographica que temos á vista, se encontram mais de 100 trabalhos, entre livros, artigos para revistas e ineditos, versando a sua grande parte sobre a musica, tanto profana como



religiosa, dos tempos antigos. Uma vez buscava as remotas origens do canto liturgico e dos neumas gregorianos. Outras vezes punha em ciaro as mais bellas manifestações da *Ars mensurabilis* e do motete dos seculos XII e XIII. Comprazia-se ainda ou-

tras em decifrar o *Roman de Fauvel* para os que quizessem conhecer o seculo XIV. Ou ainda, para estudar a fundo a vida musical dos troveiros e trovadores, documentava-se com uma admiravel bibliotheca de folk-lore europeu.

D'esses complexos trabalhos d'investigação, que constantemente engrandecia e completava com novas monographias e livros, com conferencias e artigos eruditos, excursionava muitas vezes Aubry para o campo da arte e da litteratura modernas, como fez com as *Idées de Pie X*, com as *Ombres en couleurs* de Dorival e com o libretto de *Aucassin*. Para a collecção Alkan preparava um *Grétry* e, em collaboração com Gustave Lyon, uma *Iconographia da Harpa*.

E' esse character d'universalidade, no meio da especialização, essa tendencia para o *Nihil a me alienum puto*, esse ancioso empenho de fazer resaltar o bello na verdade do documento medieval, que asseguram a Pierre Aubry, em França, as honras de innovador. Porque sobre os Fétis, os Coussemaker, os Lavoix, seus predecessores, elle tinha a vantagem d'aliar o gosto ao *métier*, na difficil sciencia da paleographia musical.

Era sufficientemente artista para se deixar impulsionar pelo attractivo musical, mas sufficientemente historiador para se subtrahir á tyrania das suas proprias tendencias artisticas. E é esse raro equilibrio, que devia constituir a principal aspiração de todo aquelle que se dedica á musicologia.



Melchiade Ferlisi

A musica na educação

(Continuado do n.º 292)

II

Para nos convencermos verdadeiramente da influencia que tem exercido a musica na educação de todos os povos e de todos os tempos, basta dar uma rapida vista á historia. A Biblia é a primeira a revelar que a musica entre o povo hebreu foi tida em grande conta.

Como quer que consideremos o som da musica de Tubal e das famosas trombetas de Jericó, é certo que a musica entre os Israelitas foi cultivada desde a mais remota

antiguidade, e os patriarchas e os prophetas cantaram os seus hymnos, as suas prophcias, e louvaram o Senhor por meio do canto e dos instrumentos.

Crê-se que Moysés, para dar mais efficacia á leitura da Biblia, a declamasse por um modo quasi inteiramente musical, e que as leis do povo hebreu fossem cantadas e acompanhadas ao som dos instrumentos. Em todas as festas e solemnidades, tanto religiosas como nacionaes, cantavam-se os hymnos dos maiores poetas, e a musica ahi entrava como *elemento essencial*.

Devia levar-se a arca do Senhor ao tabernaculo, e David fazia preparar cantores e tocadores, afim de que chegassem ao ceu os sons de jubilo, — *ut resonaret in excelsis sonitus laetitiae*.

Queria-se celebrar a dedicacão do templo, e Salomão fazia cantar aos Levitas os hymnos de David nos seus instrumentos. *Levitae in organis carminum Domini quae fecit David rex... hymnos David canentes per manus suas: porro sacerdotes caneant tubis ante eos*.

Escolas de canto havia-as *ab antiquo*, e Samuel, no I dos Reis mostra uma turba de prophetas que descem da altura cantando, e adiante d'elles o timbale, o psalterio, a tibia e a cithara.

Conta-se que David compoz os seus psalmos ao som da harpa, nos quaes muitas vezes invocava os santos para cantar hymnos ao Senhor, e que congregou quatro mil cantores (Levitas) para que em todas as solemnidades celebrassem as glorias de Deus com o canto dos psalmos e com o som dos instrumentos. Entre elles havia alguns que deviam superintender, *insti sunt quos constituit David super cantores*, e outros que se chamavam chefes cantores, *hi sunt principes cantorum*. Narra-se tambem que o povo n'esta solemnidade tomava parte activa fazendo côro.

O meus quoque populus vociferabatur clamor magno in laudando Dominum.

Os canticos depois de Moysés, de Debora, de David, de Judith, dos Prophetas nos provam que a musica era empregada a enthusiasmar os guerreiros, a celebrar as victorias, e a transmittir aos vindouros a memoria dos grandes acontecimentos; e que os exercicios da musica, especialmente religiosa, formavam parte importante da educação popular.

Tambem os Egypcios, de Ermete Trimegisto a Etesibio de Alexandria, empregaram a musica nas festas, nas ceremonias, nas procissões e nos funeraes.

A musica que tocava nos outeiros de Sião ou nas festividades d'Olympia servia a ins-

pirar ao homem o amor da patria e da religião.

Julgava-se até que Ermete com a sua melodia acalmasse os povos.

Na historia da India vê-se que a musica foi cultivada desde os primeiros tempos da sua civilização. Elles apreciaram de tal modo a arte do som que a julgaram ensinada pelo mesmo Brahma, e protegida por amaveis genios.

Depois os sacerdotes tiveram-n'a como o auxilio mais potente do culto e da educação civil, tanto que a achamos sempre ligada ás tradições religiosas e nacionaes.

Os Chinezes tiveram a musica em grandissima estima. Desde os tempos mais remotos, entre os escriptos sacros acha-se em primeiro logar aquelle que trata d'esta arte, a qual era considerada como *a sciencia das sciencias, a rica fonte d'onde brotava todas as outras, a potencia principal na civilização do povo.*

No sacro livro *Li-ki* a musica é appellidada: *expressão e imagem da união da terra com o céu*, e diz que o fim d'ella é *acalmar as paixões dos homens e conduzil-os á concordia*. Na China attribuia-se á musica o poder inspirar aos homens o amor á virtude e conduzil-os á pratica dos seus deveres.

Os historiadores do imperio chinez dizem que os primeiros cantores da China com as suas doces harmonias suspendiam *o curso dos rios*, e tornavam pacificos os animaes ferozes! Narra-se tambem que Confucio viajando, nos pequenos reinos que constituam a China d'aquelles tempos, ouviu uma composição de Kuci, e foi tal a impressão que recebeu, que durante tres mezes não poudo pensar em outras cousas. E note-se, que tudo isto remonta a um tempo muito anterior á civilização das outras nações, pois que, como o demonstra a evidencia o abade Amiot, o systema musical da China é anterior ao de todos os outros povos.

Os Assyrios, os Phenicios e os Persas tiveram a musica como parte importante das ceremonias funebres e das ceremonias religiosas e nacionaes, e *Chardin* diz que tambem hoje o povo persa se inebria de tal modo com a musica, que o governo se serve d'ella para fazer-lhe acabar trabalho de grande folego.

Os Arabes e os Turcos foram sempre muito sensiveis á melodia, e apreciaram a musica como meio necessario para animar o soldado a combater com folego e coragem. O povo que deu maior importancia á musica como meio de educação foi o grande mestre da civilização, quero dizer o povo grego. A mythologia e a historia grega nos contam um grande numero de effeitos pro-

digiosos operados com a musica. Orpheu, com o som da lyra, faz-se seguir das arvores e das pedras e pára as correntes dos rios; e com a doçura do seu canto sabe enternecer Plutão e Proserpina. Amphião, com o som da sua cithara, faz por si só unir as pedras, e edificar a cidade de Thebas. Timotheo com as melodias excita os soldados de Alexandre. Tirteu com o som conduz á guerra dos Messenios os feros Spartanos. Achilles é attrahido furiosamente á guerra pela musica que de proposito faz tocar Ulysses. Solon com a doçura do canto attrahe os Athenienses a dominar em Salamina. Antigenidas, segundo narra Plutarco, com a musica excita de tal modo o ardor bellicoso de Alexandre, que este toma as armas, e quer experimental-as mesmo nos seus convidados.

Ora se todos estes factos (no dizer de Horacio) não provam os milagres da musica a quem duvidar da sua possibilidade, servem pelo menos a demonstrar-nos que conceito tiveram d'ella os primeiros heroes da Grecia, que poder lhe attribuia a nação que foi mestra, e como se servia d'ella para civilisar o povo. Em Homero a musica faz parte principal das solemnidades e das alegrias domesticas. Para que o povo nas festas nacionaes estivesse animado dos mais vivos sentimentos, em Delphos e em Olympia tocava-se musica animada.

O grande theatro *Odeon* era destinado á musica, e o côro representava sempre o elemento popular que julga, aconselha, censura, louva e moralisa.

Julgava-se que a musica introduzida no drama servisse para *moderar as violentas impressões tragicas*. Considerando a musica como necessaria para cantar os louvores dos heroes, para inspirar sentimentos guerreiros nos campos de batalha, para enobrecer o animo e dispol-os aos affectos nobres e generosos, e para celebrar as ceremonias religiosas e nacionaes, os Gregos julgaram-na indispensavel a uma boa educação para *formar cidadãos humanos e civis*.

Todos deviam conhecê-la: mathematicos, philosophos, poetas e guerreiros. Tem-se por fim como elemento de governo, e muitos legisladores deixaram escriptas algumas leis com respeito á musica; e entre elles os dois maiores Licurgo e Solon a consideravam como *parte essencial* da educação e da instrução. Todas as leis eram cantadas para que ficassem mais indelevelmente fixas na memoria.

Os mesmos feros Spartanos apreciaram a musica como um meio de educação nacional; serviram-se d'ella para celebrar os mortos no campo de batalha e para animar

os soldados ao combate, e juntaram-a aos seus hymnos patrioticos e heroicos, para que tivessem mais efficacia. Esses hymnos eram cantados indistinctamente por velhos e novos.

Na escola de Pithagoras, que, se não foi um mytho, os italianos a podem enumerar entre as suas glorias, tendo elle vivido na Magna Grecia, que tambem fazia parte da Italia, se deu a maxima importancia á musica, que o grande mestre chamava *instrumento com o qual o Creador formou os mundos*. Nas antigas *escholas italicas* usava-se o canto e juntava-se a musica *aos versos aureos* attribuidos ao mesmo Pithagoras, para que a juventude fosse educada mais efficazmente e se *restabelecesse a energia das faculdades intellectuales*. Os alumnos de facto, tinham obrigatoriamente todas as manhãs musica e canto e de tarde deviam cantar os *versos aureos*.

Aristoxenes e os sillogistas, se bem tivessem d'ella uma idéa limitada, tambem julgavam que a musica servisse admiravelmente para dar efficacia á poesia e á eloquencia. No systema educativo de Platão a musica era considerada *materia necessaria* para preparar cidadãos fortes para a republica, e tinha serios e especiaes cuidados para a instrucção musical, a qual vinha iniciada na lyra, desde a idade de treze annos. Chegava-se por fim a crêr que *eram mais crueis os povos que não se applicavam á musica, e que ella era inalteravel*, como se á sua inalterabilidade fosse dada a tutela do bem publico. Os Romanos absortos como estavam na educação physica do corpo, em crear homens de guerra fortes, vigorosos, rigidos, parece que nos primeiros tempos não tivessem a musica em grande estima.

(Continúa).

Trad. de A. S.



Cartas a uma senhora

153.^a

De Lisboa.

Pobre e querido amigo Fuschini que lá foi hontem dormir o somno de que não se acorda!

Lembra-se d'elle não é verdade? Alegre, generoso, expansivo, o seu coração, como o seu cerebro, viveram sempre illuminados por um ideal clarão de poesia e de sonho, e por vezes a phantasia coloriu-lhe um e outro com tintas de uma belleza rara e de uma scintillação incomparavel.

Espirito cheio de multiplas facetas, Augusto Fuschini, engenheiro de profissão, era poeta de natureza, e embora raro tivesse feito versos, tinha na alma o veio crystallino e rico d'essa divina e mysteriosa lympha, que sabios não fabricam e chimicos não manipulam.

Neto de um pintor e filho d'um pianista, a Arte facetára-o e ungiu-o, e se a vida portugueza não tivesse durante dezenas de annos, andado de todo desquiciada, elle haveria sido não um politico mallogrado e um tecnico mais ou menos contrafeito, mas um alto e poderoso artista, mesmo que a engenharia o empolgasse e lhe puzesse a sua marca de profissional. Seria então um engenheiro-artista, especialidade que não abunda entre nós e que sob certos aspectos por completo nos escasseia.

Já ao dobrar os cincoenta, e com a alma cheia de decepções e escorchada de agruras, é que lhe foi possivel dar realidade a uma das visões da sua imaginação, e refugiando-se nas pedras para evitar os homens, só então entrou a corporisar na Sé as linhas incoerciveis d'uma d'essas visões.

Mas era tarde, começava a desenhar-se o crepusculo, e assim caíu sem assistir á conclusão plastica da obra que idealisára e com tanto entusiasmo fecundára com o sangue do seu amor.

Até ali o conflicto dos interesses sociaes nos seus aspectos economicos e politicos, havia-o enleiado e absorvido, e elle foi successivamente deputado, vereador, ministro; agitou questões, derimiu contendas, debateu problemas, e na arena viva das paixões deu e recebeu golpes, marcando porém sempre na fila dos contendores um lugar inconfundivel.

Tinha todavia a alma muito alta e o peito muito puro para constantemente andar agachado por entre o coaxar das rãs, ou supportar a atmospha mephitica dos bando-leiros da floresta que ha muito estava sendo a vida publica portugueza, mal afamado lugar onde, só por engano ou distracção, algum bem intencionado momentaneamente apparecia por ter passado ali perto.

Por isso, quando succedeu, illaqueado pelos acontecimentos, ser tambem envolvido na onda, e apparecer-nos legislando no executivo, não se enlameou, porque o abroquelava um character impolluto, inaccessible ás

baixas negaças que attrahiram tantos, perdendo os, e soube atravessar a pé enxuto a vasa estagnante ou a resaca agitada das mares lodacentas; mas sentiu-se, diminuido, elle proprio, na inteireza da sua linha espirital de combatente de idéas, de defensor de principios, pois teve por vezes de acamaradar com creaturas que possuíam em dobléz e em cynismo o que lhes minguava em probidade e em saber.

D'esse contacto passageiro, d'esse convívio doentio com certos elementos pathologicos da sociedade portugueza trouxe o persistente pessimismo que ultimamente tão fundamente vincava a sua aliás poderosissima cerebração, e a descrença quasi absoluta nas energias salvadoras d'este admiravel povo lusitano, que em vão quasi tres seculos de corrupção, ora brutal ora suave, teem tentado contaminar.

Quantas, quantas horas consumimos a caturrar, ás vezes com violencia e com calor, sobre esse tão controvertido ponto de doutrina, sem que, ai de mim, eu lograsse convence-lo da esperanza que me animava no futuro resurgimento da nossa terra!

O meu optimismo no porvir, que só era excedido pelo meu pessimismo da occasião, encontrava-o de tal modo couraçado pela duvida, pela tristeza, pelo tédio, em presença do que via e do que apurava, que nem toda a febril vehemencia que ás vezes eu punha nas palavras que proferia lograva obter-lhe mais que um philosophico sorriso ou um compassivo encolher de hombros, como de quem lhe doia arrancar-me illusões mas dolorosamente ia visionando as realidades.

E quando eu lhe formulava o meu banal argumento de refugio: pessimista do momento presente, optimista da hora futura, creio que teria vontade de retorquir-me que então ambos eramos pessimistas, visto que em rigor o futuro está sendo sempre presente, e este está sempre sendo passado...

Grande, indulgente amigo, que paciencia pozeste em me ouvir e que nobre e desprezenciosa simplicidade em me esclarecer!

Ah! minha senhora não imagina o que eram ás vezes essas catureiras e como eu com os meus impulsivismos de exaltado ultrapassava a linha de respeito devida a um trabalhador indefesso, a um propagandista convicto, a um combatente formidavel!

Por felicidade, nunca essas tempestades da minha verbiagem, que a miude encrespavam a superficie do vasto mar da sua bondade e da sua intelligencia, attingiram o fundo da generosa affeição que por mim sempre teve e largamente me demonstrou, e agora o que succede é ser eu quem em-

bora tarde e sem remedio, reconheça quão injusto e precipitado sem duvida fui com quem pelo saber que era variado e fundo, pelo character que era diamantino e firme, pela intelligencia que era poderosissima e vasta, mereceria da minha parte porventura mais incondicionaes deferencias.

Mas, que quer, minha amiga, uma porção da existencia levamo-la nós a lamentar as incorrecções que mais ou menos inconscientemente praticamos dia a dia, e raro nos chega o tempo para remedia-las durante a outra porção que nos resta.

Augusto Fuschini foi acaso um outro ainda d'esses que eu por muito ter amado e considerado, talvez demasiado discuti, e agora que elle já não me ouve e que á sombra culta do seu espirito, especie de construcção architectonica ordenada e ampla onde simultaneamente poderiam admirar-se o rendilhado dos capiteis, a solidez das columnas, e a grandeza das arcarias, eu já não posso passear as impaciencias do meu proprio espirito, tão insignificante e tão fruste, o que me fica de tudo isso que se desfêz e morreu, é uma funda, uma illimitada, uma immarcescível saudade, que piedosamente deponho sobre o seu nome de politico immaculado, de artista suggestivo, de poeta d'um quasi incomprehendido mysticismo.

Altiva consciencia, desaparece quando a patria ainda tanto carecia das luzes do seu conselho e dos estimulos da sua vontade!

Mas ponhamos ponto que não acabaria mais se deixasse falar o coração, e apenas para concluir, e por que escrevo n'uma revista cuja especialidade lhe deveu a unica prova de consideração e de auxilio que os musicos portuguezes receberam das corporações officiaes, quero lembrar que por sua iniciativa votou a Camara Municipal de que elle fez parte um subsidio para a realização de concertos de musica symphonica que em S. Carlos se effectuaram. E' pois com enterrecimento que duplamente associo o nome d'ella á desataviada mas sincerissima homenagem que estas palavras procuram trazer á memoria do amigo querido e certo, dentro de cuja alma alguma cousa de mim mesmo eu sinto que para sempre partiu e ficou.

AFFONSO VARGAS.





Os dois concertos do *Orpheon Portuense*, para que havia sido contractado o barytono Jan Reder, effectuaram-se a 1 e 3 do corrente março no Gil Vicente, pequeno theatro anexo ao Palacio de Christal onde costumam realisar-se todos os concertos da benemerita sociedade portuense.

Entre as obras mais importantes que aquelle artista fez ouvir, figuram doze *lieder* de Schubert, os *Amours du poète* de Schumann (audição integral) e *Os dois granadeiros*, d'este mesmo compositor. Sobre as suas qualidades de cantor, diz o *Janeiro*: — «A sua voz é forte e pastosa, especialmente nos registos médio e grave, pelo que mais parece um basso-cantante do que um baritono. Do registo grave, sobretudo, d'uma rara pujança e belleza, sabe o sr. Jan Reder tirar, como verdadeiro artista que é, brilhantes effectos, alem dos inherentes a uma escola magnifica que demonstrou ter e patenteou com exuberancia em todas as transicções e n'uma bella emissão».

Em 5 offereceu a illustre pianista, sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, um brilhante sarau-concerto ao Albergue dos Pobres, da Covilhã. Vestiu-se de galas o theatro Garrett, d'essa cidade, para receber a gentil concertista, cujos dotes de generosidade e altruismo correm parelhas com as invejaveis qualidades d'artista, que tantas vezes temos applaudido.

Toda a parte musical da festa lhe foi attribuida, executando Madame Pedroso um grande numero de obras, de auctores portuguezes e estrangeiros, e sendo todas coroadas d'enthusiasticas ovações.

Na mesma data de 5, 4.^o concerto classico promovido pelo quartetto Silveira Paes na Academia de Estudos Livres. Constituiam o programma obras de Mozart, Haydn, Beethoven, Wieniawsky e Schubert, e mereceu ser bisado um dos andamentos do trio de Haydn que na verdade teve execução condigna.

Tambem o joven violinista Mario Cabral ouviu animadores applausos no *Souvenir de Moscou* de Wieniawsky.

Seguramente que pouco a pouco a fusão dos instrumentos se irá fazendo com maior segurança e todos os numeros merecerão o mesmo cuidado na interpretação.

A tentativa não póde ser mais sympathica e ella é ao mesmo tempo altamente educadora para quem toca e para quem escuta.

Continuamos pois felicitando a iniciativa da benemerita Academia e dos noveis e bemquistos musicos.

*

O Dispensario do Porto para creanças pobres, teve, em 8, uma noite de festa no salão da Photographia União, com uma sessão de musica de camara que alguns artistas offereceram em seu beneficio.

Foram esses benemeritos artistas os srs. Benjamim Gouvía, Bernardo Moreira de Sá, Henrique Carneiro, José Gouveia e Luiz Costa, que, com o primôr que lhes é habitual, executaram o terceiro *Trio* da op. 9 de Beethoven (cordas), o primeiro *Quarteto* da op. 59 do mesmo compositor e o famoso *Quinteto* de Schumann, com piano.

*

A *Academia de Amadores de Musica* deu o seu segundo concerto d'esta epoca na noite de 10.

As obras d'orchestra, sob a direcção de Pedro Blanch, tiveram uma execução geralmente cuidada, especialmente a *ouverture* do *Egmont*, com que abriu o concerto. A *Badinerie* de Bach, com o seu ar innocente e *bon enfant*, é terrivelmente difficil. A *Sociedade de Musica de Camara* tambem já a quiz abordar e não foi bem succedida. Crêmos que a difficuldade vem mais das cordas que propriamente da flauta, em que o solista, sr. José Ferreira da Silva, poz o melhor do seu reconhecido talento.

A *Aria* de Bach tambem não é tão *mansa* como parece; demanda grande attenção, especialmente na entrada em que ha um pequenino *guet-apens* de compasso, onde é facil cahir, como succedeu n'esta occasião, se não houver o maximo cuidado. Passado esse obice, tudo correu satisfatoriamente.

O fecho do concerto foi a *Symphonia* em *mi* bemol, de Mozart. Salvo o andamento inicial em que os primeiros violinos e os violoncellos tiveram alguns desfallecimentos, a peça foi bem executada e merece louvores, sendo o final muito bem *enlevé*,

e rythmado com bastante precisão e unidade.

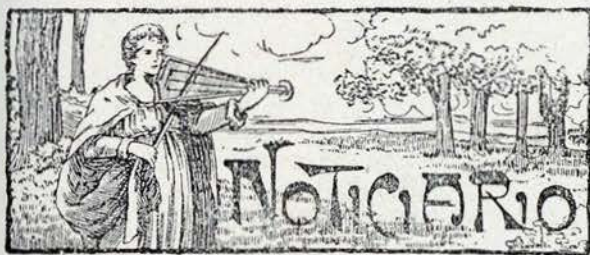
Resumindo, a orchestra accentua pouco a pouco os seus progressos. Está ainda um pouco empastada, falta-lhe flexibilidade nas passagens de delicadeza, falta-lhe claro-escuro. Mas temos toda a esperança de que, sob a direcção zelosa e auctorizada de Pedro Blanch, hão-de vencer-se essas difficuldades e havemos de volver a applaudir a *Academia* de outros tempos, que julgavamos para sempre morta.

Pedro Blanch tambem se produziu, como solista, executando o celebre *Concerto* de Mendelssohn, em que foi acompanhado ao piano pela distincta professora, D. Esther Campos. As qualidades de *virtuose*, que distinguem Pedro Blanch, são por demasia conhecidas para que tenhamos agora d'insistir n'ellas. O seu *Concerto* foi tocado com grande correcção e perfeita technica, resentindo-se comtudo, em falta de brilho, da accumulção com os trabalhos d'orchestra, que a nosso vêr, são incompatíveis com a execução de solos.

*

A cantora Ida Reman e o pianista Lucien Wurmser devem ter realizado a 13 o seu primeiro concerto no *Orpheon Portuense*.

O ultimo deve effectuar-se hoje.



Sobre o ensino do piano publica o nosso illustre amigo Bernardo Moreira de Sá uma interessante *Palestra musical* em um dos ultimos numeros do *Commercio do Porto*.

Consideramos tão valioso o artigo que, apesar de termos por principio não fazer transcrições de outros periodicos, pedimos venia ao collega portuense para reproduzir no nosso proximo numero esse trabalho de pedagogia artistica, que será certamente muito apreciado pelos leitores do nosso modesto quinzenario.

*

A excursão a Paris, da iniciativa do *Orpheon Academico* de Coimbra, deve effectuar-se nas proximas ferias da Paschoa. Consta que alguns dos nossos mais talento-

sos compositores já estão escrevendo côros para os estudantes executarem em Paris, correspondendo assira aos votos que aqui formulamos ultimamente n'esse sentido.

O *Orpheon* deve ter realizado ha dias na grande nave do Palacio de Christal, do Porto, uma *matinée*, em favôr do «Jardim Escola João de Deus», obra philantropica em que esta aggremação muito se tem empenhado e que deve brevemente inaugurar-se.

*

Temos sobre a mesa uma novidade musical, que merecia uma larga referencia, se a estreiteza d'estas columnas nol-a consentisse. E' uma *suite* com o titulo de *Hispania*, assignada pelo talentoso pianista Pedro Blanco, do Porto, e urdida, como pôde supôr-se, sobre cantos populares hespanhoes.

Começa por um *Preludio* d'interessante talhe melodico, mas a que falta, a nosso vêr, o character preambular, que lhe seria necessario para condizer com o titulo.

Preciosos são os tres numeros seguintes *Capricho*, *Intermedio* e *Serenata*, onde a par de motivos encantadores, figuram rythmos curiosos e raros, como succede, especialmente, no *Intermedio*; são tres peças de mediana força, muito pianisticas e em extremo agradáveis, caracterisando, com notavel engenho e delicadeza, a feição especial da canção hespanhola.

O final, *Rapsodia*, é demasiado orchestral e não nos pareceu ter o valor de qualquer dos outros numeros. Desejavamos-lhe mais fantasia, mesmo com o risco de dificultar a execução. Uma rapsodia *facil*, particularmente no piano, teve sempre o perigo de se assemelhar a um *pot-pourri*, genero que desadoramos; a variedade dos effeitos e dos timbres da orchestra salva ás vezes uma peça d'essa natureza e estamos em crêr que a de Pedro Blanco teria tudo a ganhar em ser transcripta para a orchestra.

Aparte esses pequenos senões, que a nossa sinceridade não podia occultar, a *Hispania* dá honra ao seu auctor e merece uma larga divulgação.

*

Alfredo Napoleão annuncia para 25 do corrente uma sessão musical, em que fará ouvir algumas das suas composições.

Effectua-se no Salão Bechstein (Porto).

*

Subordinada ao duplo thema da *Influencia da musica na educação* e *Beethoven*, realisou Moreira de Sá uma brilhante conferencia no

Porto, na qual mais uma vez evidenciou a sua grande auctoridade artistica e os seus profundos conhecimentos d' historia musical.

A conferencia, que foi ovacionada por um numero publico, effectuou se no edificio das Escolas Normaes e foi seguida da execução do *Trio*, op. 9, e do *Quarteto*, op. 59, de Beethoven.



E' com magua profunda e sincera que registramos a perda do maestro Taborda, distincto compositor e regente da banda da Guarda Republicana (antiga Guarda Municipal).

São do *Seculo* as seguintes notas biographicas do considerado musico, que pedimos licença para transcrever :

«Antonio Gonçalves da Cunha Taborda nasceu em Cascaes a 27 de maio de 1857, contando, portanto, 54 annos de idade, incompletos. Assentou praça como aprendiz de musico, em 1870 e taes provas deu de aptidão que em 1881 era promovido a mestre da banda de infantaria 7, regimento aquartellado, ao tempo, em Lisboa, na Cova da Moura.



«Tendo fallecido o maestro Gaspar, regente da banda da guarda municipal, muitos mestres das bandas regimentaes, quasi todos elles distinctos, diligenciaram succeder-lhe no logar. No emtanto, era já tal a consideração de que Taborda gosava, que foi elle o escolhido para o difficil encargo.

«E de tal maneira Taborda se houve, que o fallecido general Queiroz dedicava-lhe verdadeira estima e todos os officiaes do quadro, bem como todos os elementos da banda o consideravam muitissimo, dispensando-lhe o publico a maior sympathia.

«Proclamada a Republica em 5 de outubro e substituida a guarda municipal pela guarda republicana, ainda foi Taborda o es-

colhido para ficar á frente da banda d' essa guarda, o que constitue uma prova do muito que era considerado.

«Antonio Gonçalves da Cunha Taborda fizera com distincção os cursos de harmonia, rabeca, contra-ponto e fuga, no Conservatorio de Lisboa. Compoz muitas musicas, sendo impossivel dar uma nota completa d' ellas todas. Entretanto citaremos as operas *Reliquia* e *Dinah*, obtendo esta ultima grande successo no Club Lisboa, e sendo, por isso, offerecida ao maestro uma formosissima corôa. Compoz tambem a valsa de concerto *Miragem*, com que ganhou o primeiro premio n' um concerto real, organizado em Hespanha, sendo condecorado, por Affonso XIII, com a ordem de merito artistico de Isabel Catholica; a operetta *Os noivos de Margarida*, a musica para a revista de Baptista Diniz *Da Parreirinha ao Limoeiro*. Além d' isto era auctor de uma infinidade de ordinarios e marchas graves e triumphaes, entre as quaes *Bonne Chance*. *A mon père*, *Cruz Vermelha*, *Bandeira*, etc.; um *pot pourri* da *Giçonda*, de grande effeito e uma bella selecção do *Tannhauser*. Educou muitos musicos, especialmente cornetins, e, por occasião da visita de Affonso XIII de Hespanha a Lisboa, ensaiou a marcha real hespanhola acompanhada de terno de cornetas, que produziu um grande effeito. Dirigiu, tambem, por vezes, concertos em que tomam parte todas as bandas militares de Lisboa. Tinha o diploma de honra do Conservatorio. Por occasião do concerto da banda da guarda municipal, realisado em S. Sebastian, foi condecorado com a ordem civil de Affonso XII. Tinha tambem a medalha da classe de comportamento exemplar, era official de S. Thiago e possuia a cruz de 4.ª classe da corôa da Prussia.»

Para substituir o fallecido artista na direcção da banda, foi nomeado o sr. Joaquim Fernandes Fão, regente da banda da Guarda Republicana, do Porto.

*

Falleceu o sr. conde Guiseppe Mornati Gallo, sogro do distincto leccionista de canto, sr. Arthur Trindade.

Aos esposos Trindade enviamos a expressão da nossa condolencia, por essa irreparavel perda.

*

Apoz longo soffrimento, tambem falleceu, victimado por uma lesão cardiaca, o sr. Antonio José dos Santos, musico reformado da banda da extincta Guarda Municipal.